

O Estado de S. Paulo

2/11/1985

Bóias-frias parados: perigo de tensão

LUIZ CARLOS LOPES

Enviado especial

Terminou a safra da cana na região de Ribeirão Preto, a mais importante do País. A quase totalidade das usinas e destilarias que produzem mais de um terço do açúcar e do álcool nacionais já está com suas máquinas paradas e, no campo, cerca de 45 mil hectares de terras começam a ser cultivados com arroz, feijão, milho, soja e amendoim, com o aproveitamento das áreas de renovação-da cana. Apesar da extensão da área, a agroindústria canavieira não conseguirá absorver a totalidade dos 90 mil bóias-frias usados no corte de cana, e já se admite que milhares de trabalhadores ficarão desempregados.

Segundo a Fetaesp, esse número já atinge 60 mil; os usineiros falam em 19 mil cortadores de cana "liberados", ou seja, o contingente de safristas que reside em outros Estados e normalmente não é aproveitado na entressafra. A estiagem que durou cerca de 200 dias na região atrasou o plantio de grãos e deverá retardar o início da próxima colheita da cana para junho. A situação preocupa tanto sindicalistas e empresários quanto as autoridades, pois desde o levante de Guariba, em maio de 1984, a categoria vem atingindo um melhor nível de conscientização e teme-se um agravamento do clima de tensão social.

"Isso aqui é um barril de pólvora", alerta o sindicalista Hélio Neves, diretor da Fetaesp, preocupado com a situação e advertindo que a fome e o desemprego em massa poderão levar os trabalhadores a promover saques e novas invasões de terras. De outro lado, os empresários negam qualquer risco imediato, afirmando que o dinheiro proveniente das rescisões contratuais é suficiente para manter os desempregados por mais dois meses. Para eles, o maior perigo é a manipulação da massa trabalhadora com finalidades políticas.

(Página 12)